

Farsa ou Auto de Inês Pereira, de Gil Vicente

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante
Brasileiro

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> A
Escola do Futuro da Universidade de
São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Projecto Vercial - Literatura Portuguesa <
<http://www.ipn.pt/opsis/litera/>>

Copyright © 1996, 1997, 1998, OPSIS
Multimédia

<<http://www.ipn.pt/opsis/index.html>> com o
apoio do Projecto Geira <<http://www.geira.pt/>>

Este material pode ser redistribuído
livremente, desde que não seja alterado, e
que as informações acima sejam
mantidas. Para maiores informações,
escreva para

<bibvirt@futuro.usp.br>.

*Estamos em busca de patrocinadores e
voluntários para nos ajudar a manter este
projeto. Se você quer ajudar de alguma
forma, mande um e-mail para*

<parceiros@futuro.usp.br> ou
<voluntario@futuro.usp.br>

FARSA OU AUTO DE INÊS PEREIRA

Gil Vicente

A seguinte farsa de folgar foi representada ao muito alto e mui poderoso rei D. João, o terceiro do nome em Portugal, no seu Convento de Tomar, era do Senhor de MDXXIII. O seu argumento é que porquanto duvidavam certos homens de bom saber se o Autor fazia de si mesmo estas obras, ou se furtava de outros autores, lhe deram este tema sobre que fizesse: segundo um exemplo comum que dizem: *mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube*. E sobre este motivo se fez esta farsa.

A figuras são as seguintes: Inês Pereira; sua Mãe; Lianor Vaz; Pêro Marques; dous Judeus (um chamado Latão, outro Vidal); um Escudeiro com um seu Moço; um Ermitão; Luzia e Fernando.

Finge-se que Inês Pereira, filha de hũa molher de baixa sorte, muito fantesiosa, está lavrando em casa, e sua mãe é a ouvir missa, e ela canta esta cantiga:

Canta Inês:

Quien con veros pena y muere

Que hará quando no os viere?

(Falando)

INÊS Renego deste lavrar
E do primeiro que o usou;
Ó diabo que o eu dou,
Que tão mau é d'aturar.
Oh Jesu! que enfadamento,
E que raiva, e que tormento,
Que cegueira, e que canseira!
Eu hei-de buscar maneira
D'algun outro aviamento.

Coitada, assi hei-de estar
Encerrada nesta casa
Como panela sem asa,
Que sempre está num lugar?
E assi hão-de ser logrados
Dous dias amargurados,
Que eu possa durar viva?
E assim hei-de estar cativa
Em poder de desfiados?

Antes o darei ao Diabo
Que lavrar mais nem pontada.
Já tenho a vida cansada
De fazer sempre dum cabo.
Todas folgam, e eu não,
Todas vêm e todas vão

Onde querem, senão eu.
Hui! e que pecado é o meu,
Ou que dor de coração?

Esta vida he mais que morta.
Sam eu coruja ou corujo,
Ou sam algum caramujo
Que não sai senão à porta?
E quando me dão algum dia
Licença, como a bugia,
Que possa estar à janela,
É já mais que a Madanela
Quando achou a aleluia.

Vem a Mãe, e não na achando lavrando, diz:

MÃE Logo eu adivinhei
Lá na missa onde eu estava,
Como a minha Inês lavrava
A tarefa que lhe eu dei...
Acaba esse travesseiro!
Hui! Nasceu-te
algum unheiro?
Ou cuidas que é
dia santo?
INÊS Praza a Deos
que algum quebranto?
Me tire do cativoiro.

MÃE Toda tu estás aquela!

Choram-te os filhos por pão?
INÊS Prouvesse a
Deus! Que já é razão
De eu não estar tão
singela.

MÃE Olhade ali o mau pesar...

Como queres tu casar
Com fama de preguiçosa?

INÊS Mas eu,
mãe, sam
aguçosa E vós
dais-vos de
vagar.

MÃE Ora espera assi, vejamos.

INÊS Quem já
visse esse prazer!

MÃE Cal'-te, que
poderá ser

Que «ame a
Páscoa vêm os
Ramos». Não te
apresses tu, Inês.

«Maior é o ano que o mês»:
Quando te não precatares,
Virão maridos a pares,
E filhos de três em três.

INÊS Quero-m'ora alevantar.

Folgo mais de falar nisso,
Assi me dê Deos o paraíso,
Mil vezes que não lavrar
Isto não sei que me faz
MÃE Aqui vem Lianor Vaz.
INÊS E ela

vem-se

benzendo...

(Entra Lianor

Vaz)

LIANOR Jesu a que
me eu encomendo!
Quanta cousa que se
faz!

MÃE Lianor Vaz,
que é isso?
LIANOR Venho
eu, mana, amarela?
MÃE Mais ruiva
que uma panela.
LIANOR Não sei
como tenho siso!
Jesu! Jesu! que

farei?

Não sei se me vá a el-Rei,
Se me vá ao Cardeal.

MÃE Como? e
tamanho é o mal?

LIANOR

Tamanho? eu to
direi:

Vinha agora pereli
Ó redor da minha vinha,
E hum clérigo, mana minha,
Pardeos, lançou mão de mi;
Não me podia valer
Diz que havia de saber
S'era eu fêmea, se macho.

MÃE Hui! seria
algum muchacho,
Que brincava por
prazer?

LIANOR Si,
muchacho
sobejava Era
hum zote
tamanhouço!

Eu andava no retouço,
Tão rouca que não falava.
Quando o vi pegar comigo,

Que m'achei naquele p'rigo:
– Assolverei! -
não assolverás!
–Tomarei! - não
tomarás!
– Jesu! homem, qu'has contigo?

– Irmã, eu te assolverei
Co breviairo de Braga.

– Que breviairo,
ou que praga!
Que não quero:
aqui d'el-Rei! –
Quando viu
revolta a voda,
Foi e esfarrapou-me toda
O cabeção da camisa.
MÃE Assi me fez dessa guisa
Outro, no tempo da poda.

Eu cuidei que era jogo,
E ele... dai-o vós ao fogo!
Tomou-me tamanho riso,
Riso em todo meu siso,
E ele leixou-me logo.
LIANOR Si, agora, eramá,
Também eu me ria cá
Das cousas que me dizia:
Chamava-me «luz do dia».

– «Nunca teu olho verá!» –

Se estivera de maneira
Sem ser rouca, bradar'eu;
Mas logo m'o demo deu
Catarrão e peitogueira,
Cócegas e cor de rir,
E coxa pera fugir,
E fraca pera vencer:
Porém pude-me valer
Sem me ninguém acudir...

O demo (e não pode al ser)
Se chantou no corpo dele.

MÃE Mana,
conhecia-te ele?

LIANOR Mas
queria-me
conhecer! MÃE

Vistes vós
tamanho mal?

LIANOR Eu
m'irei ao Cardeal,
E far-lhe-ei assi
mesura,
E contar lhe-ei a aventura
Que achei no meu olival.

MÃE Não estás tu
arranhada, De te

carpir, nas
queixadas?

LIANOR Eu tenho
as unhas cortadas,
E mais estou
tosquiada:

E mais pera que era isso?
E mais pera que é o siso?
E mais no meio
da requesta
Veio hum
homem de hũa
besta, Que em
vê-lo vi o p'raíso,

E soltou-me, porque vinha
Bem contra sua vontade.
Porém, a falar a verdade,
Já eu andava cansadinha:
Não me valia rogar
Nem me valia chamar:
– «Aque de Vasco de Fois,
Acudi-me, como sois!»
E ele... senão pegar:

– Mais mansa, Lianor Vaz,
Assi Deus te faça santa.
– Trama te dê na garganta!
Como! isto assi se faz?

– Isto não revela nada...
– Tu não vês
que são casada?
MÃE Deras-lhe,
má hora, boa,
E mordera-lo na
coroa.
LIANOR Assi! fora excomungada.

Não lhe dera um empuxão,
Porque sou tão maviosa,
Que é cousa maravilhosa.
E esta é a concrusão.
Leixemos isto. Eu venho
Com grande
amor que vos
tenho, Porque
diz o exemplo
antigo Que a
amiga e bom
amigo
Mais aqueça que o bom lenho.

Inês está concertada
Pera casar com alguém?
MÃE Até `gora
com ninguém
Não é ela
embaraçada.

LIANOR Eu vos
trago um casamento
Em nome do anjo
bento.

Filha, não sei se vos praz.

INÊS E quando,
Lianor Vaz?

LIANOR Eu vos
trago aviamento.

INÊS Porém,
não hei-de casar
Senão com
homem avisado

Ainda que pobre e pelado,
Seja discreto em falar

LIANOR Eu vos
trago um bom
marido, Rico,
honrado, conhecido.

Diz que em camisa vos quer

INÊS Primeiro
eu hei-de saber
Se é parvo, se
sabido.

LIANOR Nesta
carta que aqui vem
Pera vós, filha,

d'amores,
Veredes vós, minhas flores,
A descrição que ele tem.

INÊS Mostrai-ma

cá, quero ver

LIANOR Tomai. E

sabedes vós ler?

MÃE Hui! e ela

sabe latim

E gramática e alfaqui

E tudo quanto ela quer!

INÊS (*lê a carta*)

«Senhora

amiga Inês

Pereira, Pêro

Marquez, vosso

amigo,

Que ora estou

na nossa aldeia,

Mesmo na

vossa mercea

M'encomendo. E mais digo,

Digo que benza-vos Deos,

Que vos fez de

tão bom jeito.

Bom prazer e

bom proveito

Veja vossa mãe de vós.

Ainda que eu vos vi
Est'outro dia folgar
E não quisestes bailar,
Nem cantar presente mi...»

INÊS Na voda de seu avô,

Ou onde me viu ora ele?

Lianor Vaz, este é ele?

LIANOR Lede a

carta sem dó,

Que inda eu são

contente dele.

Prossegue Inês Pereira a carta:

«Nem cantar presente mi.

Pois Deos sabe a rebentinha

Que me fizestes então.

Ora, Inês, que hajais bênção

De vosso pai e a minha,

Que venha isto a concurção.

E rogo-vos como amiga,

Que samicas vós sereis,

Que de parte me faleis

Antes que outrem vo-lo diga.

E, se não fiais de mi,

Esteja vossa mãe aí,

E Lianor Vaz de presente.

Veremos se sois contente
Que casemos na boa hora.»
INÊS Des que nasci até agora
Não vi tal vilão com'este,
Nem tanto fora de mão!
LIANOR Não queirais ser tão senhora.
Casa, filha, que te preste,
Não percas a ocasião.

Queres casar a prazer
No tempo d'agora, Inês?
Antes casa, em que te pês,
Que não é tempo d'escolher.
Sempre eu ouvi dizer:
«Ou seja sapo ou sapinho,
Ou marido ou maridinho,
Tenha o que houver mister.»
Este é o certo caminho.

MÃE Pardeus, amiga, essa é ela!
«Mata o cavalo de sela
E bom é o asno que me leva».
Filha, «no Chão de Couce
Quem não puder andar choute.»
E: «mais quero eu quem m'adore
Que quem faça com que chore».
Chamá-lo-ei, Inês?
INÊS Si.

Venha e veja-me a mi.
Quero ver quando me vir
Se perderá o presumir
Logo em chegando aqui,
Pera me fartar de rir.

MÃE Touca-te, se cá vier
Pois que pera casar anda.
INÊS Essa é boa demanda!
Cerimónias há mister
Homem que tal carta manda?
Eu o estou cá pintando:
Sabeis, mãe, que eu adivinho?
Deve ser um vilãozinho
Ei-lo, se vem penteando:
Será com algum ancinho?

*Aqui vem Pêro Marques, vestido como filho de
lavrador rico, com um gabão azul deitado ao
ombro, com o capelo por diante, e vem dizendo:*

PÊRO Homem que vai aonde eu vou
Não se deve de correr
Ria embora quem quiser
Que eu em meu siso estou.
Não sei onde mora aqui...
Olhai que m'esquece a mi!
Eu creio que nesta rua...
E esta parreira é sua.

Já conheço que é aqui.

Chega Pêro
Marques aonde
elas estão, e diz:

Digo que esteis
muito embora.

Folguei ora de
vir cá...

Eu vos escrevi de lá
Üa cartinha, senhora...

E assi que de maneira...

MÃE Tomai aquela cadeira.

PÊRO E que val
aqui uma destas?

INÊS (Ó Jesu! que
João das bestas!

Olhai aquela
canseira!)

Assentou-se com as costas pera elas, e diz:

PÊRO Eu cuido
que não estou
bem... MÃE Como
vos chamais,
amigo? PÊRO Eu
Pêro Marques me
digo, Como meu
pai que Deos tem.

Faleceu, perdoe-lhe Deos,
Que fora bem escusado,
E ficamos dous eréos.
Porém meu é o mor gado.
MÃE De morgado
é vosso estado?
Isso viria dos
céus.

PÊRO Mais gado
tenho eu já quanto,
E o mor de todo o
gado,
Digo maior algum tanto.
E desejo ser casado,
Prouguesse ao
Espírito Santo,
Com Inês, que
eu me espanto
Quem me fez seu namorado.
Parece moça de bem,
E eu de bem, er também.
Ora vós er ide vendo
Se lhe vem melhor ninguém,
A segundo o que eu entendo.

Cuido que lhe trago aqui
Pêras da minha pereira...
Hão-de estar na derradeira.

Tende ora, Inês, per i.
INÊS E isso
hei-de ter na
mão? PÊRO
Deitae as peas
no chão. INÊS
As perlas pera
enfiar..
Três chocalhos
e um novelo...
E as peias no
capelo...
E as pêras? Onde estão?
PÊRO Nunca tal
me aconteceu!
Algum rapaz
m'as comeu...
Que as meti no capelo,
E ficou aqui o novelo,
E o pente não se perdeu.
Pois trazia-as de
boa mente...
INÊS Fresco
vinha aí o
presente Com
folhinhas
borrifadas!
PÊRO Não, que elas

vinham chentadas
Cá em fundo no
mais quente.

Vossa mãe
foi-se? Ora
bem... Sós nos
leixou ela
assi?...

Cant'eu quero-me ir daqui,
Não diga algum
demo alguém...
INÊS Vós que me
havíeis de fazer?
Nem ninguém que
há-de dizer? (O
galante
despejado!).
PÊRO Se eu fora já casado,
D'outra arte havia de ser
Como homem de bom recado.

INÊS (Quão
desviado este
está! Todos
andam por caçar
Suas damas sem casar
E este... tomade-o lá!).
PÊRO Vossa

mãe é lá no
muro? INÊS

Minha mãe eu
vos seguro Que
ela venha cá
dormir

PÊRO Pois,
senhora, eu
quero-me ir Antes
que venha o
escuro.

INÊS E não cureis mais de vir.

PÊRO Virá cá Lianor Vaz,
Veremos que lhe dizeis...

INÊS Homem,
não aporfieis,
Que não quero,
nem me apraz.

Ide casar a
Cascais.

PÊRO Não vos
anojarei mais,
Ainda que saiba
estalar;

E prometo não casar
Até que vós não queirais.

(Pêro vai-se, dizendo:)

Estas vos são elas a vós:
Anda homem a
gastar calçado,
E quando cuida
que é aviado,
Escarnefucham
de vós!
Creo que lá fica a pea...
Pardeus! Bô ia eu à aldeia!

(Voltando atrás)

Senhora, cá fica o fato?
INÊS Olhai se o
levou o gato...
PÊRO Inda não
tendes candeia?
Ponho per cajo
que alguém
Vem como eu vim agora,
E vos acha só a tal hora:
Parece-vos que será bem?
Ficai-vos ora com Deos:
Çarraí a porta sobre vós
Com vossa candeazinha.
E sicais sereis vós minha,
Entonces veremos nós...

(Vai-se Pêro Marques e diz Inês Pereira:)

INÊS Pessoa conheço eu
Que levava outro caminho...
Casai lá com um vilãozinho,
Mais covarde que um judeu!
Se fora outro homem agora,
E me topara a tal hora,
Estando assi às escuras,
Dissera-me mil doçuras,
Ainda que mais não fora...

(Vem a Mãe e diz:)

MÃE Pêro Marques foi-se já?
INÊS E pera que era ele aqui?
MÃE E não t'agrada ele a ti?
INÊS Vá-se muitieramá!
Que sempre disse e direi:
Mãe, eu me não casarei
Senão com homem discreto,
E assi vo-lo prometo
Ou antes o leixarei.

Que seja homem mal feito,
Feio, pobre, sem feição,
Como tiver discrição,
Não lhe quero mais proveito.
E saiba tanger viola,
E coma eu pão e cebola.
Siquer uma cantiguinha!

Discreto, feito em farinha,
Porque isto me degola.

MÃE Sempre tu hás-de bailar
E sempre ele há-de tanger?
Se não tiveres que comer
O tanger te há-de fartar?

INÊS Cada louco com sua teima.
Com uma borda de boleima
E uma vez d'água fria,
Não quero mais cada dia.

MÃE Como às vezes isso queima!

E que é desses escudeiros?

INÊS Eu falei ontem ali
Que passaram por aqui
Os judeos casamenteiros
E hão-de vir agora aqui.

*Aqui entram os Judeus casamenteiros, um,
Latão, e outro, Vidal e diz Latão:*

LATÃO Ou de cá!

INÊS Quem está lá?

VIDAL Nome del Deu, aqui somos!

LATÃO Não sabeis quão longe fomos!

VIDAL

Corremos a
iramá. Este e
eu.

LATÃO Eu, e este...

VIDAL Pola

lama e polo pó,

Que era pera

haver dó,

Com chuva,

sol e Nordeste.

Foi a coisa de

maneira,

Tal friúra e tal canseira,

Que trago as

tripas maçadas.

Assi me fadem

boas fadas

Que me saltou

caganeira!

Pera vossa mercê ver

O que nos encomendou.

LATÃO O que

nos encomendou

Será o que

hoiver de ser

Todo este

mundo é fadiga

Vós dixestes,

filha amiga,

Que vos

buscássemos
logo... VIDAL
E logo pujemos
fogo... LATÃO
Cala-te!

VIDAL Não queres que diga?

Não fui eu
também
contigo? Tu e
eu não somos
eu?

Tu judeu e eu judeu,
Não somos
massa dum
trigo? LATÃO
Leixa-me falar.

VIDAL Já calo.

Senhora,
fomos... agora
falo, Ou falas
tu?

LATÃO Dize,
que dizias?
Que foste, que
fomos, que ias
Buscá-lo,
esgravatá-lo...

VIDAL Vós,
amor, quereis
marido Mui
discreto, e de
viola?

LATÃO Esta
moça não é tola,
Que quer casar
per sentido...

VIDAL Judeu,
queres-me leixar?

LATÃO Leixo,
não quero falar

VIDAL

Buscámo-lo...

LATÃO Demo foi logo!

Crede que o vosso rogo
Vencerá o Tejo e o mar

Eu cuido que
falo e calo...

Calo eu agora
ou não?

Ou falo se vem à mão?

Não digas que
não te falo. INÊS

Jesu! Guarde-me
ora Deus! Não
falará um de vós?

Já queria saber isso...
MÃE Que siso,
Inês, que siso
Tens debaixo
desses véus...

INÊS Diz o
exemplo da
velha: «O que
não haveis de
comer Leixai-o
a outrem
mexer».

MÃE Eu não sei quem t'aconselha...

INÊS Enfim, que novas trazeis?

VIDAL O marido que quereis,
De viola e dessa sorte,
Não no há senão na corte
Que cá não no achareis.

Falámos a Badajoz,
Músico, discreto, solteiro.
Este fora o verdadeiro,
Mas soltou-se-nos da noz.

Fomos a Vilhacastim
E falou-nos em latim:
– «Vinde cá daqui a uma hora,
E trazei-me essa senhora».

INÊS Assi que é tudo nada enfim!

VIDAL Esperai, aguardai ora!
Soubemos dum escudeiro
De feição d'atafoneiro
Que virá logo essora,
Que fala... e com' ora fala!
Estrugirá esta sala.
E tange... e com' ora tange!
E alcança quanto abrange,
E se preza bem da gala.

*Vem o Escudeiro, com seu Moço, que lhe traz
uma viola, e diz, falando só:*

ESCUDEIRO Se esta senhora é tal
Como os Judeus ma gabaram,
Certo os anjos a pintaram,
E não pode ser i al.
Diz que os olhos com que via
Foram de Santa Luzia,
Cabelos, da Madanela...
Se fosse moça tão bela,
Como donzela seria?

Moça de vila será ela
Com sinalzinho postiço,
E sarnosa no toutiço,
Como burra de Castela.
Eu, assi como chegar
Cumpre-me bem atentar

Se é garrida, se honesta,
Porque o melhor da festa
É achar siso e calar.

(Falando para Inês:)

MÃE Se este escudeiro há-de vir
E é homem de descrição,
Hás-te de pôr em feição,
De falar pouco e não rir
E mais, Inês, não muito olhar
E muito chão o menear
Por que te julguem por muda,
Porque a moça sesuda
É uma perla pera amar.

(Falando para o criado:)

ESCUDEIRO Olha cá, Fernando, eu vou
Ver a com que hei-de casar.
Avisa-te, que hás-de estar
Sem barrete onde eu estou.

MOÇO (Como a rei! Corpo de mi!
Mui bem vai isso assi...)

ESCUDEIRO E, se cuspir, pola ventura,
Põe-lhe o pé e faz medida.

MOÇO (Ainda eu isso não vi!)

ESCUDEIRO E se me vires mentir
Gabando-me de privado,
Está tu dissimulado,
Ou sai-te pera fora a rir

Isto te aviso daqui,
Faze-o por amor de mi.
MOÇO Porém, senhor digo eu
Que mau calçado é o meu
Pera estas vistas assi.
ESCUDEIRO Que farei, que o sapateiro
Não tem solas nem tem pele?
MOÇO Sapatos me daria ele,
Se me vós désseis dinheiro...
ESCUDEIRO Eu o haverei agora.
E mais calças te prometo.
MOÇO (Homem que não tem nem preto,
Casa muito na má hora.)

*Chega o Escudeiro onde está Inês Pereira, e
levantam-se todos, e fazem suas medidas, e diz o
Escudeiro:*

ESCUDEIRO Antes que mais diga agora,
Deus vos salve, fresca rosa,
E vos dê por minha esposa,
Por mulher e por senhora;
Que bem vejo
Nesse ar, nesse despejo,
Mui graciosa donzela,
Que vós sois, minha alma, aquela
Que eu busco e que desejo.
Obrou bem a Natureza
Em vos dar tal condição

Que amais a discrição
Muito mais que a riqueza.
Bem parece
Que a discrição merece
Gozar vossa fermosura,
Que é tal que, de ventura,
Outra tal não se acontece.
Senhora, eu me contento
Receber vos como estais:
Se vós vos não contentais,
O vosso contentamento
Pode falecer no mais.

LATÃO (Como fala!
VIDAL E ela como se cala!
Tem atento o ouvido...
Este há-de ser seu marido,
Segundo a coisa s'abala.)

ESCUDEIRO Eu não
tenho mais de meu,
Somente ser
comprador
Do Marichal meu senhor
E são escudeiro seu.
Sei bem ler
E muito bem escrever
E bom jogador de bola,
E quanto a tanger viola,
Logo me vereis tanger

Moço, que estais lá olhando?

MOÇO Que

manda Vossa

Mercê?

ESCUDEIRO

Que venhais cá.

MOÇO Pera quê?

ESCUDEIRO Por que

faças o que eu mando!

MOÇO Logo vou.

(O Diabo me tomou:

Sair me de João Montês

Por servir um tavanês

Mor doudo que Deus criou!)

ESCUDEIRO Fui

despedir um rapaz

Que valia

Perpinhão,

Por tomar este ladrão.

Moço!

MOÇO Que vos praz?

ESCUDEIRO A viola.

MOÇO (Oh! como ficará tola

Se não fosse casar ante

Co mais sáfio bargante

Que coma pão e cebola!).

Ei-la aqui bem temperada,

Não tendes que temperar

ESCUDEIRO Faria

bem de ta quebrar

Na cabeça bem

migada!

MOÇO E se ela é emprestada,

Quem na havia de pagar?

Meu amo, eu quero m'ir.

ESCUDEIRO E

quando queres

partir? MOÇO

Ante que venha o

Inverno, Porque

vós não dais

governo

Pera vos ninguém servir

ESCUDEIRO Não

dormes tu que te

farte? MOÇO No

chão, e o telhado por

manta... E çarra-se

m'a garganta

Com fome.

ESCUDEIRO Isso tem arte...

MOÇO Vós sempre

zombais assi.

ESCUDEIRO Oh

que boas vozes tem

Esta viola aqui!

Leixa-me casar a mi,
Depois eu te farei bem.

MÃE Agora vos digo eu
Que Inês está no Paraíso!
INÊS Que tendes de ver co isso?
Todo o mal há-de ser meu.
MÃE Quanta doudice!
INÊS Oh! como é seca a velhice!
Leixai-me ouvir e folgar,
Que não me hei-de contentar
De casar com parvoíce.
Pode ser maior riqueza
Que um homem avisado?
MÃE Muitas vezes, mal pecado,
é melhor boa simpreza.
LATÃO Ora oivi, e oivireis.
Escudeiro, cantareis
Alguma boa cantadela.
Namorai esta donzela
E esta cantiga direis:

Canta o Judeu

«Canas do amor, canas,
canas do amor
Polo longo dum rio
Canaval vi florido,
Canas do amo.»

Canta o Escudeiro o romance «Mal me quieren en Castilla» e diz Vidal:

VIDAL Latão, já o sono é comigo
Como oivo cantar guaiado,
Que não vai esfandegado...

LATÃO Esse é o Demo que eu digo!
Viste cantar Dona Sol:
Pelo mar voy a vela,
Vela vay pelo mar?

VIDAL Filha Inês, assi vivais
Que tomeis esse senhor
Escudeiro cantador
E caçador de pardais,
Sabedor revolvedor
Falador gracejador
Afoitado pela mão,
E sabe de gavião...
Tomai-o por meu amor.

Podeis topar um rabugento,
Desmazelado, baboso,
Descancarado, brigoso,
Medroso, carapatento.
Este escudeiro, aosadas,
Onde se derem pancadas,
Ele as há-de levar
Boas, senão apanhar..

Nele tendes boas fadas.
MÃE Quero rir com toda a mágoa
Destes teus casamenteiros!
Nunca vi Judeus ferreiros
Aturar tão bem a frágoa.
Não te é melhor mal por mal,
Inês, um bom oficial,
Que te ganhe nessa praça,
Que é um escravo de graça,
E mais casas com teu igual?

LATÃO Senhora, perdi cuidado:
O que há-de ser há-de ser;
E ninguém pode tolher
O que está determinado.

VIDAL Assi diz Rabi Zarão.

MÃE Inês, guar'-te de rascão!
Escudeiro queres tu?
INÊS Jesu, nome de Jesu!
Quão fora sois de feição!

Já minha mãe adivinha...
Folgastes vós na verdade
Casar à vossa vontade?
Eu quero casar à minha.

MÃE Casa, filha, muit'embora.

ESCUDEIRO Dai-me essa mão, senhora.

INÊS Senhor de mui boa mente.

ESCUDEIRO Per palavras de presente

Vos recebo desd'agora.

Nome de Deus, assi seja!
Eu, Brás da Mata, Escudeiro,
Recebo a vós, Inês Pereira
Por mulher e por parceira
Como manda a Santa Igreja.
INÊS Eu, aqui diante Deus,
Inês Pereira, recebo a vós,
Brás da Mata, sem demanda,
Como a Santa Igreja manda.

LATÃO Juro al Deu! Aí somos nós!

Os Judeus ambos

Alça manim, ó dona, ha!
Arreia espeçulá.
Bento o Deu de Jacob,
Bento o Deu que a Faraó
MÃE Espantou e espantará.
Bento o Deu de Abraão,
Benta a terra de Canão.
Para bem sejais casados!
Dai-nos cá senhos ducados.
MÃE Amenhã vo-los darão.

Pois assi é, bem será
Que não passe isto assi.
Eu quero chegar ali
Chamar meus amigos cá,

E cantarão de terreiro.
ESCUDEIRO Oh! quem me fora solteiro!
INÊS Já vós vos arrependeis?
ESCUDEIRO Ó esposa, não faleis,
Que casar é cativoiro.

*Aqui vem a Mãe com certas moças e mancebos
pera fazerem a festa, e diz uma delas, per nome
Luzia:*

Luz. Inês, por teu bem te seja!
Oh! que esposo e que alegria!
INÊS Venhas embora, Luzia,
E cedo t'eu assi veja.

MÃE Ora vae tu ali, Inês,
E bailareis três por três.
FERNANDO Tu connosco, Luzia, aqui,
E a desposada ali,
Ora vede qual direis.

Cantam todos a cantiga que se segue:

«Mal herida va la garça
Enamorada,
Sola va y gritos dava.
A las orillas de um rio
La garça tenia el nido;
Ballestero la ha herido
En el alma;
Sola va y gritos dava.»

E, acabando de cantar e bailar diz Fernando:

FERNANDO Ora, senhores honrados,
Ficai com vossa mercê,
E nosso Senhor vos dê
Com que vivais descansados.
Isto foi assi agora,
Mas melhor será outr' hora.
Perdoai pelo presente:
Foi pouco e de boa mente.
Com vossa mercê, Senhora...

Luz. Ficai com Deus, desposados,
Com prazer e com saúde,
E sempre Ele vos ajude
Com que sejais bem logrados.
MÃE Ficai com Deus, filha minha,
Não virei cá tão asinha.
A minha bênção hajais.
Esta casa em que ficais
Vos dou, e vou-me à casinha.

Senhor filho e senhor meu,
Pois que já Inês é vossa,
Vossa mulher e esposa,
Encomendo-vo-la eu.
E, pois que des que naceu
A outrem não conheceu,
Senão a vós, por senhor

Que lhe tenhais muito amor
Que amado sejais no céu.

*Ida a Mãe, fica Inês Pereira e o Escudeiro. E
senta-se Inês Pereira a lavar e canta esta cantiga:*

INÊS Si no os huviera mirado
No penara,
Pero tampoco os mirara.

*O Escudeiro, vendo cantar Inês Pereira, mui
agastado lhe diz:*

ESCUDEIRO Vós cantais, Inês Pereira?
Em vodas m'andáveis vós?
Juro ao corpo de Deus
Que esta seja a derradeira!
Se vos eu vejo cantar
Eu vos farei assoviar..

INÊS Bofé, senhor meu marido,
Se vós disse sois servido,
Bem o posso eu escusar.

ESCUDEIRO Mas é bem que o escuseis,
E outras cousas que não digo!

INÊS Porque bradais vós comigo?

ESCUDEIRO Será bem que vos caleis.
E mais, sereis avisada
Que não me respondais nada,
Em que ponha fogo a tudo,
Porque o homem sesudo

Traz a mulher sopeada.

Vós não haveis de falar
Com homem nem mulher que seja;
Nem somente ir à igreja
Não vos quero eu leixar
Já vos preguei as janelas,
Por que não vos ponhais nelas.
Estareis aqui encerrada
Nesta casa, tão fechada
Como freira d'Oudivelas.

INÊS Que pecado foi o meu?
Porque me dais tal prisão?
ESCUDEIRO Vós buscastes discrição,
Que culpa vos tenho eu?
Pode ser maior aviso,
Maior discrição e siso
Que guardar o meu tisouro?
Não sois vós, mulher meu ouro?
Que mal faço em guardar isso?

Vós não haveis de mandar
Em casa somente um pêlo.
Se eu disser: — isto é novelo —
Havei-lo de confirmar
E mais quando eu vier
De fora, haveis de tremer;
E cousa que vós digais
Não vos há-de valer mais

Que aquilo que eu quiser.

(para o criado)

Moço, às Partes d'Além

Me vou fazer cavaleiro.

MOÇO (Se vós tivésseis dinheiro

Não seria senão bem...)

ESCUDEIRO Tu hás-de ficar aqui.

Olha, por amor de mi,

O que faz tua senhora:

Fechá-la-ás sempre de fora.

(para Inês)

Vós lavrai, ficai per i.

MOÇO Co dinheiro que leixais

Não comerei eu galinhas...

ESCUDEIRO Vae-te tu por essas vinhas,

Que diabo queres mais?

MOÇO Olhai, olhai, como rima!

E depois de ida a vindima?

ESCUDEIRO Apanha desse rabisco.

MOÇO Pesar ora de São Pisco!

Convidarei minha prima...

E o rabisco acabado,

Ir me-ei espojar às eiras?

ESCUDEIRO Vai-te per essas figueiras,

E farta-te, desmazelado!

MOÇO Assi?
ESCUDEIRO Pois que cuidavas?
E depois virão as favas.
Conheces túbaras da terra?
MOÇO I-vos vós, embora, à guerra,
Que eu vos guardarei oitavas...

Ido o Escudeiro, diz o Moço:

MOÇO Senhora, o que ele mandou
Não posso menos fazer.
INÊS Pois que te dá de comer
Faze o que t'encomendou.
MOÇO Vós fartai-vos de lavrar
Eu me vou desenfadar
Com essas moças lá fora:
Vós perdoai-me, senhora,
Porque vos hei-de fechar.

Aqui fica Inês Pereira só, fechada, lavrando e cantando esta cantiga:

INÊS «Quem bem tem e mal escolhe
Por mal que lhe venha não s'anoje.»
Renego da discrição
Comendo ò demo o aviso,
Que sempre cuidei que nisso
Estava a boa condição.
Cuidei que fossem cavaleiros
Fidalgos e escudeiros,

Não cheios de desvarios,
E em suas casas macios,
E na guerra lastimeiros.

Vede que cavalarias,
Vede que já mouros mata
Quem sua mulher maltrata
Sem lhe dar de paz um dia!
Sempre eu ouvi dizer
Que o homem que isto fizer
Nunca mata drago em vale
Nem mouro que chamem Ale:
E assi deve de ser.

Juro em todo meu sentido
Que se solteira me vejo,
Assi como eu desejo,
Que eu saiba escolher marido,
À boa fé, sem mau engano,
Pacífico todo o ano,
E que ande a meu mandar
Havia m'eu de vingar
Deste mal e deste dano!

Entra o Moço com uma carta de Arzila, e diz:

MOÇO Esta carta vem d'Além
Creio que é de meu senhor.

INÊS Mostrai cá,
meu guarda-mor

E veremos o que i
vem.

Lê o sobrescrito.
«À mui prezada senhora
Inês Pereira da Grã,
À senhora minha irmã.»
De meu irmão... Venha embora!

MOÇO Vosso
irmão está em
Arzila? Eu
apostarei que i vem
Nova de meu senhor também.
INÊS Já ele partiu de Tavila?
MOÇO Há três
meses que é
passado. INÊS
Aqui virá logo
recado
Se lhe vai bem, ou que faz.
MOÇO Bem
pequena é a carta
assaz! INÊS Carta
de homem avisado.

Lê Inês Pereira a carta, a qual diz:

«Muito honrada irmã,
Esforçai o coração
E tomai por devação

De querer o que Deus quiser.»
E isto que quer dizer?
«E não vos maravilheis
De cousa que o mundo faça,
Que sempre nos embaraça
Com cousas. Sabei que indo
Vosso marido fugindo
Da batalha pera a vila,
A meia légua de Arzila,
O matou um mouro pastor.»
MOÇO Ó meu amo e meu senhor!

INÊS Dai-me vós cá essa chave
E i buscar vossa vida.
MOÇO Oh que triste despedida!
INÊS Mas que nova tão suave!
Desatado é o nó.
Se eu por ele ponho dó,
O Diabo me arrebente!
Pera mim era valente,
E matou-o um mouro só!

Guardar de cavaleirão,
Barbudo, repetenado,
Que em figura de avisado
É malino e sotrancão.
Agora quero tomar
Pera boa vida gozar,
Um muito manso marido.

Não no quero já sabido,
Pois tão caro há de custar.

Aqui vem Lianor Vaz, e finge Inês Pereira estar chorando, e diz Lianor Vaz:

LIANOR Como estais, Inês Pereira?

INÊS Muito triste, Lianor Vaz.

LIANOR Que fareis ao que Deus faz?

INÊS Casei por minha canseira.

LIANOR Se ficaste prenhe basta.

INÊS Bem quisera eu dele casta,
Mas não quis minha ventura.

LIANOR Filha, não tomeis tristura,
Que a morte a todos gasta.

O que haveis de fazer?

Casade-vos, filha minha.

Inês Jesu! Jesu! Tão asinha!

Isso me haveis de dizer?

Quem perdeu um tal marido,

Tão discreto e tão sabido,

E tão amigo de minha vida?

LIANOR Dai isso por esquecido,
E buscai outra guarida.

Pêro Marques tem, que herdou,
Fazenda de mil cruzados.

Mas vós quereis avisados...

INÊS Não! já esse tempo passou.

Sobre quantos mestres são
Experiência dá lição.
LIANOR Pois tendes esse saber
Querei ora a quem vos quer
Dai ò demo a opinião.

*Vai Lianor Vaz por Pêro Marques, e fica Inês
Pereira só, dizendo:*

INÊS Andar! Pêro Marques seja.
Quero tomar por esposo
Quem se tenha por ditoso
De cada vez que me veja.
Por usar de siso mero,
Asno que me leve quero,
E não cavalo folão.
Antes lebre que leão,
Antes lavrador que Nero.

*Vem Lionor Vaz com Pêro Marquez e diz Lianor
Vaz:*

LIANOR Nô mais cerimónias agora;
Abraçai Inês Pereira
Por mulher e por parceira.

PÊRO Há homem empacho, má-hora,
Cant'a dizer abraçar..
Depois que a eu usar
Entonces poderá ser:

INÊS (Não lhe quero mais saber

Já me quero contentar..).

LIANOR Ora dai-me essa mão cá.
Sabeis as palavras, si?

PÊRO Ensinaram-mas a mi,
Porém esquecem-me já...

LIANOR Ora dizei como digo.

PÊRO E tendes vós aqui trigo
Pera nos jeitar por riba?

LIANOR Inda é cedo... Como rima!

PÊRO Soma, vós casais comigo,

E eu com vosco, pardelhas!
Não cumpre aqui mais falar
E quando vos eu negar
Que me cortem as orelhas.

LIANOR Vou-me, ficai-vos embora.

INÊS Marido, sairei eu agora,
Que há muito que não saí?

PÊRO Si, mulher saí-vos i,
Qu'eu me irei pera fora.

INÊS Marido, não digo isso.

PÊRO Pois que dizeis vós, mulher?

INÊS Ir folgar onde eu quiser

PÊRO I onde quiserdes ir,
Vinde quando quiserdes vir
Estai onde quiserdes estar.
Com que podeis vós folgar
Qu'eu não deva consentir?

*Vem um Ermitão a pedir esmola, que em moço
lhe quis bem, e diz:*

Señores, por caridad
Dad limosna al dolorido
Ermitaño de Cupido
Para siempre en soledad.
Pues su siervo soy nacido.
Por ejemplo,
Me meti en su santo templo
Ermitaño en pobre ermita,
Fabricada de infinita
Tristeza en que contemplo,

Adonde rezo mis horas
Y mis dias y mis años,
Mis servicios y mis daños,
Donde tu, mi alma, lloras
El fin de tantos engaños.
Y acabando
Las horas, todas llorando,
Tomo las cuentas una y una,
Con que tomo
a la fortuna
Cuenta del mal
en que ando,
Sin esperar
paga alguna.

Y ansi sin esperanza
De cobrar lo
merecido,
Sirvo alli mis
dias Cupido
Con tanto amor
sin mudanza,
Que soy su
santo escogido.
Ó señores,
Los que bien
os va d'amores,
Dad limosna al
sin holgura,
Que habita en
sierra oscura,
Uno de los
amadores
Que tuvo menos ventura.

Y rogaré al
Dios de mi, En
quien mis
sentidos traigo,
Que recibais
mejor pago De
lo que yo recebi
En esta vida que hago.

Y rezaré
Com gran
devocion y fé,
Que Dios os
libre d'engaño,
Que esso me
hizo ermitaño,
Y pera siempre
seré,
Pues pera siempre es mi daño.

INÊS Olhai cá,
marido amigo,
Eu tenho por
devação
Dar esmola a
um ermitão.
E não vades
vós comigo
PÊRO I-vos
embora,
mulher Não
tenho lá que
fazer

(Inês fala a sós com o Ermitão):

INÊS Tomai a
esmola, padre,
lá, Pois que

Deus vos trouxe
aqui.

ERMITÃO Sea
por amor de mi
Vuesa buena
caridad.

Deo gratias,
mi señora! La
limosna mata
el pecado,
Pero vos teneis
cuidado De
matar-me cada
hora. Deveis
saber

Para merced me hacer
Que por vos
soy ermitaño.
Y aun más os
desengaño:
Que
esperanças de
os ver Me
hizieron vestir
tal paño.

INÊS Jesu, Jesu!
manas minhas!
Sois vós aquele

que um dia Em
casa de minha
tia

Me mandastes
camarinhas, E
quando aprendia
a lavrar

Mandáveis-me
tanta cousinha?

Eu era ainda

Inesinha,

Não vos queria falar.

ERMITÃO

Señora, tengo-os
servido Y vos a
mi despreciado;

Haced que el tiempo pasado

No se cuente por perdido.

INÊS Padre, mui

bem vos entendo

Ó demo vos

encomendo,

Que bem sabeis vós pedir!

Eu determino lá d'ir

À ermida, Deus querendo.

ERMITÃO E quando?

INÊS I-vos, meu santo,

Que eu irei um dia destes

Muito cedo, muito prestes.
ERMITÃO Señora,

yo me voy en tanto.

(Inês torna para

Pêro Marques):

INÊS Em tudo é boa a concrusão.

Marido, aquele ermitão

É um anjinho de Deus...

PÊRO Corregê vós esses véus

E ponde-vos em feição.

INÊS Sabeis vós o que eu queria?

PÊRO Que

quereis, minha

mulher? INÊS

Que houvésseis

por prazer

De irmos lá em romaria.

PÊRO Seja logo, sem deter

INÊS Este caminho é comprido...

Contai uma história, marido.

PÊRO Bofá que me praz, mulher

INÊS Passemos primeiro o rio.

Descalçai-vos.

PÊRO E pois como?

INÊS E levar me-eis no ombro,
Não me corte a madre o frio.

Põe-se Inês Pereira às costas do marido, e diz:

INÊS Marido, assi me levade.

PÊRO Ides à vossa vontade?

INÊS Como estar no Paraíso!

PÊRO Muito folgo eu com isso.

INÊS Esperade ora, esperade!

Olhai que lousas aquelas,

Pera poer as talhas nelas!

PÊRO Quereis que as leve?

INÊS Si.

Uma aqui e outra aqui.

Oh como folgo com elas!

Cantemos, marido, quereis?

PÊRO Eu não saberei entoar..

INÊS Pois eu hei só de cantar

E vós me respondereis

Cada vez que eu acabar:

«Pois assi se fazem as cousas».

Canta Inês Pereira:

INÊS «Marido

cuco me levades

E mais duas

lousas.»

PÊRO «Pois assi se

fazem as cousas.»

INÊS «Bem
sabedes vós,
marido, Quanto
vos amo.

Sempre fostes percebido
Pera gamo.
Carregado ides, noss'amo,
Com duas lousas.»

PÊRO «Pois assi se
fazem as cousas»

INÊS «Bem
sabedes vós,
marido, Quanto
vos quero.

Sempre fostes percebido
Pera cervo.
Agora vos tomou o demo
Com duas lousas.»

PÊRO «Pois assi se

fazem as cousas.»

*E assi se vão, e se

acaba o dito Auto.*